

TIRO DE SAÍDA: A PRESENÇA DE MULHERES NA ARBITRAGEM DO HANDEBOL NO RIO GRANDE DO SUL*

Jamile Mezzomo Klanovicz

jmklanovicz@gmail.com

Silvana Vilodre Goellner

vilodre@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Este trabalho buscou reconstruir a trajetória de mulheres na arbitragem do Handebol no Rio Grande do Sul (RS). Para isso, utilizamos o aporte teórico-metodológico, da história oral, além dos estudos de gênero. O foco da pesquisa residiu na presença de mulheres na arbitragem do Handebol no RS. Onde identificamos, a ausência de registros, o silenciamento e o julgamento sobre a atuação das mulheres, demonstrando que a arbitragem ainda é um meio hierárquico, onde os homens se encontram no topo.

PALAVRAS-CHAVE

Mulheres; Arbitragem; Handebol

INTRODUÇÃO

Para dar início a este trabalho, iremos contextualizar a inserção do Handebol no Brasil, que foi introduzido, primeiramente, no estado de São Paulo, no seio ético germânico, a partir do ano de 1928 (HUBNER; REIS, 2006). E a partir da fundação da Federação Paulista de Handebol (FPHb) em 1940, outros estados brasileiros dão início a prática da modalidade, entre eles, o estado do Rio Grande do Sul (RS).

Contudo, no início do desenvolvimento da modalidade, ela teria começado ainda em campo, e sendo praticada primeiramente pelos homens. Contudo, as mulheres sempre estiveram presentes no meio da cultura, e nas mais diversas modalidades esportivas, como afirma Goellner (2013) "as mulheres estiveram presentes em diferentes dimensões dessa prática cultural, apesar da ausência de registro na oficialidade dos discursos" (p. 49).

*O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Sendo assim, esta pesquisa aborda reconstruir a trajetória de árbitras de Handebol no estado do RS, com foco no quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol (FGHb). E teve por objetivo analisar os processos de inserção, permanência e ascensão das mulheres, na carreira de árbitra.

Portanto, a ausência de registros históricos sobre a presença de mulheres no Handebol, e mais especificamente, na arbitragem do Handebol gaúcho, é que este trabalho se fez necessário, para desnaturalizar este silenciamento, e a anulação das conquistas das mulheres.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para esta pesquisa, traçamos os caminhos metodológicos a partir da História Oral, que consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea (ALBERTI, 2003, p. 01). Sendo assim, para esta pesquisa direcionamos as entrevistas para as mulheres que fazem parte do quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol (FGHb).

Dessa maneira, a História Oral, que é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber (DELGADO, 2003, p. 23), está sendo utilizada, para obtermos maiores informações sobre o aparecimento, e a participação de mulheres no Handebol e na arbitragem do RS.

Contudo, ressaltamos que todas as entrevistas realizadas para este trabalho, integram o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte (CEME), que possui como objetivo a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul (GOELLNER *et al.*, 2007, p.54).

Com isso, perscrutar os mais escondidos recantos tem se mostrado como uma das possibilidades de resgatar memórias, acontecimentos, resultados e protagonismos femininos esquecidos, abandonados ou silenciados (JAEGER, 2006, p. 206). E devido a isso, também nos utilizamos dos estudos de gênero, que estão presentes nas discussões, ao falarmos de mulheres no esporte. Dessa maneira, para melhor compreendermos as desigualdades constituídas historicamente no esporte e em especial na arbitragem, é que trazemos a categoria analítica de gênero, que segundo Scott (1995), consiste:

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1995, p.75).

Sendo assim, ao observarmos os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos (GOELLNER, 2007, p.183).

Dessa forma, cabe refletirmos sobre a participação de mulheres nas diferentes práticas corporais, e esportivas que veem aumentando gradativamente. Sendo necessário reconhecer que as lutas femininas no âmbito do esporte são constantes e que os enfrentamentos são diários, dadas às desiguais relações de gênero que nele existem (HARTMANN, 2017, p. 32).

Com isso, é a partir dos acontecimentos silenciados, e dos protagonismos esquecidos, que este trabalho tem como foco, tornar pública a voz e o protagonismo de mulheres na arbitragem do Handebol gaúcho.

HANDEBOL EM SOLO GAÚCHO: DE ATLETAS A ÁRBITRAS

Para podermos falar sobre a presença de mulheres na arbitragem do Handebol gaúcho, nos remetemos inicialmente a inserção e desenvolvimento da modalidade no estado do Rio Grande do Sul. Sendo assim, o Handebol em solo gaúcho, teve seus primeiros movimentos em um curso de atualização



de professores, no ano de 1960 (KLANOVICZ, 2016). Este curso foi organizado pela Superintendência de Educação Física e Assistência ao Escolar (SEFAE), e ministrado pelo professor Francisco Camargo Netto.

No ano de 1963, o professor Camargo, como era conhecido, foi cedido pelo estado para ministrar aulas na Escola Superior de Educação Física (ESEF), como consta nos documentos institucionais desta Escola, e no livro de Assentamento dos professores. Ao iniciar sua atuação como professor no Ensino Superior, começa a ministrar a disciplina de Handebol no ano de 1965, para as turmas de homens e de mulheres. Sendo a primeira vez, que esta disciplina é disponibilizada na grade curricular da ESEF, e torna-se o principal responsável pela introdução da modalidade no Ensino Superior (KLANOVICZ, 2016).

Entretanto, não era o único que admirava esta modalidade, e com o passar dos anos, outros professores acabaram se interessando pelo Handebol, como é o caso do professor Benno Becker Júnior, que no ano de 1969 coordenou o 1º Dia do Handebol na cidade de São Leopoldo, um evento de cunho escolar, que foi realizado no Colégio Estadual Olindo Flores da Silva. Este evento, possibilitou a participação de diversas escolas do estado do RS, e contou com a presença de quarenta equipes entre meninas e meninos, e se tornou um marco no início do desenvolvimento do Handebol a nível escolar no RS, mas também um dos primeiros movimentos de arbitragem, sendo que foram os alunos da ESEF quem apitaram as partidas.

Contudo, no ano de 1970 ocorreu a fundação da Federação Gaúcha de Handebol, e a partir deste momento a modalidade ganha maior notoriedade dentro do estado e adeptos do esporte. Sendo assim, é a partir de 1976, que os primeiros cursos de arbitragem iniciam no RS, segundo consta no livro de Francisco Camargo Netto (1982): "No intuito de ampliar sua ação, a Federação organizou cursos de arbitragem e a partir do ano de 1976, realiza o Campeonato Estadual de adulto e participa dos Jogos Intermunicipais com seu quadro de árbitros" (p.29).

Com isso, os cursos de arbitragem no RS tornaram-se mais frequentes a cada ano, porém, a participação das mulheres nestes cursos ainda é pequena. Haja visto que a primeira mulher a entrar para o quadro de arbitragem da FGHb, foi Mara Elisabete Silva Bered, no ano de 1989, atuando por apenas dois anos. E apenas no início dos anos 2000 é que outras mulheres começaram a fazer parte do quadro de arbitragem.

Sendo assim, um dos últimos cursos ofertados pela FGHb, ocorreu ano de 2012, que contou com a presença de três mulheres, sendo elas: BetinaGörgen, Caroline Goulart e MarisaWasem.

No ano de 2014, a extinta FUNDERGS² promoveu cursos de arbitragem, no Campus Olímpico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para diversas modalidades esportivas, entre elas: Basquetebol; Futsal; Handebol; e Voleibol. Neste curso, houve a participação de diversas mulheres, dentre elas, Priscila Nedel que hoje também faz parte do quadro de arbitragem da FGHb.

Dessa maneira, atualmente o quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol, conta com quatro árbitras, ou seja, duas duplas femininas. Sendo que apenas no ano de 2017, é que a dupla BetinaGörgen e Caroline Goulart se tornaram as primeiras mulheres do RS a chegar ao quadro de arbitragem da Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Outra questão importante, que deve ser ressaltada, é que todas as atuais e ex árbitras são também atletas de Handebol, e devido a isso, elas não apitam jogos do Campeonato Estadual de Handebol Feminino no estado do RS.

Dessa forma, é possível percebermos que ainda é raro as mulheres ocuparem posições que permitam a tomada de decisão no esporte brasileiro (HARTMANN, 2017), sendo ainda muito pequeno o número de árbitras quando comparado ao número de árbitros. No entanto, as mulheres vêm conquistando espaços, em diferentes funções esportivas, seja na arbitragem, na gestão, na direção, entre outros cargos. No entanto, isso não significa afirmar que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam (GOELLNER, 2004).



²Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.



Por fim, é necessário reconhecer que as lutas femininas no âmbito do esporte são constantes e que os enfrentamentos são diários, dadas às desiguais relações de gênero que nele existem (HARTMANN, 2017, p. 32). Portanto, a arbitragem ainda é um campo onde as mulheres precisam quebrar barreiras diárias, em relação, ao preconceito que ainda existe contra a sua atuação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, a partir deste trabalho foi possível percebermos que a inserção das mulheres na arbitragem do Handebol no Rio Grande do Sul, é bastante recente, quando comparado aos homens. Além de haver um número muito pequeno de mulheres ocupando esta função no esporte.

Sendo assim, podemos levar em consideração que a ausência de registros, o silenciamento, e o julgamento sobre a atuação das mulheres, é presente até os dias de hoje. E a arbitragem ainda é um meio hierárquico, onde os homens se encontram no topo. E as mulheres precisam quebrar barreiras diárias, em relação, ao preconceito que ainda existe contra a sua atuação.

Por fim, é preciso fornecer às mulheres as mesmas oportunidades dadas aos homens, nos diferentes espaços que podem e devem ser ocupados por elas, seja na tomada de decisões em cargos diretivos nas Federações, na preparação física ou técnica, e na arbitragem.

OUTPUT SHOT: THE PRESENCE OF WOMEN IN THE ARBITRATION OF THE HANDBALL IN RIO GRANDE DO SUL

ABSTRACT

This work ought to reconstruct the trajectory of women in the arbitration of Handball in Rio Grande do Sul (RS). For this, we use the theoretical-methodological contribution of oral history, in addition to gender studies. The focus of the research resided in the presence of women in the refereeing of Handball in RS. Where we identify, the absence of records, the silencing and the judgment on the women's performance, demonstrating that arbitration is still a hierarchical medium where men are at the top.

KEYWORDS: *Women; Arbitration; Handball.*

TIRO DE SALIDA: LA PRESENCIA DE MUJERES EN EL ARBITRAJE DEL HANDEBOL EN EL RÍO GRANDE DEL SUR

RESUMEN

Este trabajo buscó reconstruir la trayectoria de mujeres en el arbitraje del balonmano en Rio Grande do Sul (RS). Para ello, utilizamos el aporte teórico-metodológico, de la historia oral, además de los estudios de género. El foco de la investigación residió en la presencia de mujeres en el arbitraje del Balon en el RS. Donde identificamos, la ausencia de registros, el silenciamiento y el juicio sobre la actuación de las mujeres, demostrando que el arbitraje sigue siendo un medio jerárquico, donde los hombres se encuentran en la cima.

PALABRAS CLAVES: *Mujeres; Arbitraje; Balonmano.*



REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. *Narrativas na história oral*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.
- DELGADO, L. A. N. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. In: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO). Revista História Oral, v. 6, 2003, p. 9-25.
- GOELLNER, S.V. et al. *Garimpendo Memórias: esporte, educação física, lazer, e dança no Rio Grande do Sul*. In: GOELLNER, Silvana Villodre (Org). *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades*. Revista Tempo, v. 19, n. 34, 2013.
- Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada*. In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Org.). *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte. Comportamento, gênero, desempenho*. São Paulo: Aleph, 2004. p.359-373.
- HARTMANN, A. *Das arquibancadas ao centro da quadra: as mulheres na arbitragem brasileira*. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- HUBNER, E.; REIS, C. *Handebol*. In: DACOSTA, Lamartine (Org.). *Atlas do Esporte no Brasil*. 2005, p. 281-284.
- JAEGER, A. A. *“Gênero, Mulheres e Esporte”*. Revista Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.
- KLANOVICZ, J. M. *A História da disciplina de Handebol da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. 2016. 55f. Monografia (Conclusão de Curso) – Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2016.
- NETTO, F. C. *Handebol*. 4. ed. rev. e aum. Porto Alegre: PRODIL – LIAL, 1982.
- SCOTT, J. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2 jul./dez., 1995, p. 71-99.

